

Domingo, 16 de outubro de 1994 — A TRIBUNA

---

# Um dia, talvez

## **Nair Lacerda**

Colaboradora

Certo José, meu amigo, de 15 anos, escreveu, para um trabalho escolar: “Quem sabe algum dia eu chegue lá. Um lugar, bem longe daqui, porém, perto de nada, onde a maior preocupação é viver bem. Um lugar cheio de vida e alegria, onde nada dá errado. Quem sabe algum dia eu consiga chegar lá. Lá onde a noite não chega para esconder tudo com sua escuridão e apaga a alegria que há. Lugar onde o sol nunca se põe, iluminando toda a beleza em redor. Um lugar cheio de amor, com uma paisagem verde e azul, uma terra de ninguém, mas que é de todos. Talvez algum dia eu chegue a esse lugar. Quem sabe”?

À mesa do almoço, li, para a família o trecho acima, pedindo a opinião de cada qual. Uma das senhoras sorriu, dizendo: “é como um israelita, no velho Egito, sonhando com a Terra Prometida”. A outra comentou: “Um grande desejo de paz, de Paraíso, na Terra”. O moço foi desabusado: “Para mim, é alienação total, gesto de evasão, fuga à realidade, medo da vida”. A moça, pensativa, discordou: “Não. Para mim, é procura. Indecisa, vaga, sem rumo, ainda, mas procura”.

Cada qual viu o que viu, sentiu o que sentiu, nas palavras do José. Sua professora anotara, à margem do trabalho: "Muito lírico". Bem. Particularmente, não considero apenas lírico o trecho. Não vejo busca de Paraíso, seja a Terra Prometida, seja o Éden perdido. Não sinto alienação. Estou com a moça: sinto procura. Que procura o meu amigo José? Não sabendo que todos os caminhos estão dentro dele, abertos para o lugar de sonho que também está dentro dele, busca "um lugar bem longe daqui". Vê, a noite enegrecendo tudo quando sofre uma decepção ou tem de abrir mão de um sonho. O sol se ergue e se põe em seu coração, mas ele ainda não sabe disso. E talvez sofra.

Quem nasce dono de excessiva sensibilidade tem de se dedicar toda a existência a disciplinar essa sensibilidade. A fronteira entre a espiritualidade

---

e a neurose é tênue e invisível, portanto, facilmente transposta. Sentir-se diferente dos que o rodeiam é começo de solidão para o supersensível. Tem anseios que não saberia explicar bem. Tem saudade de coisas que nunca viu, mas que presente. O mundo, som sua rude escola, começa a assustá-lo, e aí é que entra aquele medo, aquele desejo de evasão de que falava o moço comentarista.

O tempo é quem dá o equilíbrio a isso tudo. O velho Cronos toma-o pela mão e vai percorrendo com ele os caminhos da vida. Silenciosamente, transmite-lhe suas lições. O discípulo aprende mais com ele do que com todas as escolas que possa frequentar, com todas as pessoas com as quais possa conviver. Porque é o tempo que o coloca face a face com o cotidiano, com os fatos, com os seres, com as coisas, é ele quem lhe robustece o sentir e cala seu grito de revolta, seu brado de desesperança. Cura, enquanto vai matando, porque o tempo é o próprio paradoxo.

E é preciso, José, que o supersensível, sentindo-se diferente da maioria, não se deixe contaminar pelo vírus perigoso do orgulho, esse demônio que sabe tomar formas tão sutis. Lembre-se de que é, simplesmente, uma alma em busca de afirmação. Para sua professora, um lírico; para os seus, um superdotado. Para o mundo, porém, que terá várias opiniões a seu respeito, tal como conteceu à mesa do almoço em minha casa, tente ser, simplesmente, José. Afeiçãoando à realidade o seu sonho, preservando seu mundo interior, enriquecendo-o e expandindo-o, sem deixar que seu a pés percam o contato com a terra. Lembre-se de que “as águias moram, solitárias, em altos penhascos, mas os pardais proliferam, aos bandos, pelas cidades”. Seja águia, de vez em quando, em seus momentos de voluntária solidão, de encontro com você mesmo. Mas saiba ser sempre um alegre e barulhento pardal, feliz entre os outros pardais. Porque também eles talvez gostassem de encontrar uma paisagem toda verde e azul. Apenas, não sabem como encontrá-la, não sabem como procurá-la.